

# “Nascemos nus e o resto é *drag*”: a construção estilística de diminutivos na fala da *drag* queen Rita Von Hunty

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3888>

**Natasha Mourão<sup>1</sup>**

## Resumo

Neste artigo, analisamos a variação estilística de diminutivos na fala da *drag queen* brasileira Rita Von Hunty. A partir das perspectivas da Sociolinguística, o estudo investiga como o uso de diminutivos funciona na dinâmica da construção estilística na arte *drag*, que é, por essência, performática e exagerada. A análise, inspirada em metodologias de etnografia digital, baseia-se em vídeos publicados no canal do YouTube Tempero Drag, em que, desde 2015, Rita combina humor e educação para mobilização social no campo progressista. Os resultados preliminares mostram frequência relativamente mais alta do uso de diminutivos na fala de Rita Von Hunty, quando comparada a estudos anteriores sobre grupos de diferentes projeções de gênero/sexualidade, o que corrobora o exagero na *performance drag*. Assim, este estudo pode contribuir para a discussão das relações entre linguagem, gênero e *performance*.

**Palavras-chave:** variação estilística; *drag queen*; diminutivos.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; [nrmmourao@gmail.com](mailto:nrmmourao@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0003-4784-2179>

# “We are born naked, and the rest is drag”: the stylistic construction of diminutives in the speech of drag queen Rita Von Hunty

## Abstract

In this article, we analyze the stylistic variation of diminutives in the speech of the Brazilian drag queen Rita Von Hunty. From the perspective of Sociolinguistics, the study investigates how linguistic features function within the dynamics of stylistic construction in drag art, which is, by nature, performative and exaggerated. The analysis, inspired by digital ethnography methodologies, is based on videos published on the YouTube channel *Tempero Drag*, where, since 2015, Rita has combined humor and education to promote social mobilization within the progressive sphere. Preliminary results show a relatively higher frequency of diminutives in Rita Von Hunty's speech, compared to previous studies on groups with different gender/sexuality projections, which supports the notion of exaggeration in drag. This study may contribute to the discussion of the relationships between language, gender, and performance.

**Keywords:** stylistic variation; drag queen; diminutives.

## Introdução

Não se sabe ao certo a origem da palavra “*drag*”. Baker (1995), em seu estudo sobre “imitadores femininos”<sup>2</sup> nos Estados Unidos, encontra, no século XIX, uma série de formas artísticas que poderiam ser equiparadas ao que hoje conhecemos como “*drag*” entre dançarinos de cancan nos cabarés, por exemplo. O jornalista investigativo Channing G. Joseph, por sua vez, encontra o registro mais antigo da expressão “*drag queen*”, que data dos anos 1880, por William Dorsey Swann, uma pessoa escravizada, que era conhecida por seus amigos como “*The Queen of Drag*”<sup>3</sup>. Essas são pistas da origem dessa forma de arte principalmente na cultura ocidental, mas fato é que o fenômeno *drag* tomou proporções universais a partir do final da década de 1990 e início dos anos 2000, quando os Estados Unidos e o Reino Unido exportaram a “febre *drag*”<sup>4</sup> para o mundo.

O Brasil faz parte disso. Além de casos no entretenimento, como Pablllo Vittar (Nicas, 2024), atualmente, uma das personagens mais influentes no debate político progressista é uma *drag queen*: Rita Von Hunty. Cunha Filho (2023) faz um levantamento dos canais do YouTube de criadores de conteúdo do campo progressista, e o *Tempero Drag* aparece em

---

2 “*female impersonators*”

3 “A Rainha de Arrastar”, tradução nossa. Joseph (2020) aponta que a ideia de “arrastar” vem de movimentos comuns em rituais de religiões africanas.

4 Essa ideia parte do fenômeno de entusiasmo coletivo pela arte *drag*, com *drag queens* ganhando tanta popularidade que se tornaram figuras centrais da mídia e cultura *pop* (Nicas, 2024).

primeiro lugar, com 1,1 milhão de inscritos na época da pesquisa, seguido do canal Tese 11, com 432 mil inscritos em 2023 (p. 42-44). Já em 2024, o canal Tempero Drag conta com 1 milhão e 200 mil inscritos e mais de 340 vídeos publicados. Rita Von Hunty, como descrita por ela<sup>5</sup> mesma em diversos vídeos e aulas, é uma mulher de meia-idade, da década de 1940, que foi datilógrafa de Getúlio Vargas e Ministra de Afazeres Subversivos de João Goulart, e tem um passado fortemente ligado às lutas da União Soviética, mas, atualmente, se dedica aos seus mais de dez filhos, aos afazeres domésticos e à educação para mobilização social (Tempero Drag, 2015).

A construção dessa personagem passa, evidentemente, por perucas, muitas camadas de maquiagem, saltos, vestidos, terninhos, broches e medalhas soviéticas de honraria, mas também por uma cuidadosa elaboração linguística, que “salta” aos ouvidos, inclusive “leigos”. Em uma matéria publicada em junho na *Revista E* (D’Alama, 2024), logo no primeiro parágrafo, a jornalista chama atenção para a realização das oclusivas dentais [t/d] (como [t]ia e [d]ia) e do (-r) em ataque, como vibrante múltipla, como é o caso de [r]itinha.

**Figura 1.** Imagem da *drag queen* Rita Von Hunty



**Fonte:** Fotografia de Kaique Telles, divulgada pela *Revista E* (D’Alama, 2024)

Assim, este trabalho propõe-se a analisar – a partir da perspectiva da Sociolinguística (Labov, 2008 [1972]), mais especificamente dos estudos da chamada Terceira Onda (Eckert, 2008, 2012, 2016, 2018) – a fala da *drag queen* Rita Von Hunty, a partir de uma etnografia digital em seu canal do YouTube, Tempero Drag (2015). A escolha pelo canal justifica-se por ser o principal meio pelo qual a *drag* se comunica com seu público, além de ter sido no espaço digital que ela ganhou notoriedade, exercendo um papel central na popularização da arte *drag* nas redes.

Em linhas gerais, a análise da variação estilística – ou seja, a variação na fala de um indivíduo – de uma *drag queen* pode nos ajudar a entender mais sobre como o falante produz significado e sobre a construção de *personas*, as quais podem estar relacionadas

---

5 Usaremos os pronomes “ela(s)/dela(s)” para as personagens *drag queens*.

às projeções de gênero. No trabalho de Podesva (2007), por exemplo, sobre um indivíduo chamado Heath em diferentes contextos, vemos como traços linguísticos, neste caso, o *falseto*, são importantes ferramentas na projeção social de sexualidade. Além desse, há muitos trabalhos na sociolinguística que pensam a questão linguagem/gênero, como Freitag (2015), Mendes (2007, 2011, 2012, 2014, 2016), Sene (2022), Pie (2023), entre outros.

Assim, na presente pesquisa em andamento, pretendemos analisar a construção estilística da *drag*, e verificar quais variáveis linguísticas funcionam nessa dinâmica, o que pode contribuir para o melhor entendimento dos processos tanto de construção do estilo e agência do indivíduo quanto de possíveis padrões da fala performática. Para os propósitos deste trabalho, debruçamo-nos sobre o uso dos diminutivos, que, como já apontado por Mendes (2012), é um traço associado a sexo/gênero.

Além de considerarmos a *performance* de gênero (Butler, 2003 [1990], 2022 [2004], 2024) e a construção performática da *drag queen* (Baker, 1995) como ponto inicial de nossa observação, também consideramos a narrativa de Rita e outras características contextuais para a análise estilística da personagem. Quanto à escolha metodológica de estudo do canal do YouTube Tempero Drag (Tempero Drag, 2015), esta se deu justamente por ser a maior plataforma de atuação de Rita Von Hunty. Com grande quantidade de vídeos postados – e, portanto, material de fala gravado – e números expressivos de seguidores e visualizações, o canal reflete a abrangência e influência da *drag* nos debates das ciências humanas em geral e seu trabalho para conscientização e mobilização de grupos sociais. Os critérios para a seleção dos vídeos são detalhados na seção “Metodologia”.

## **Bases teóricas: estilo, projeção de personas e gênero social**

A necessidade de generificar os indivíduos e o mundo se mostra latente nas diferentes sociedades e uma das ferramentas para tal é a linguagem (Butler, 2003 [1990], 2022 [2004], 2024). Assim, partindo de um paradigma que reconhece o significado social de gênero e este passa a ser concebido com suas dimensões psicológicas, sociais, políticas, culturais, étnicas e performáticas, os trabalhos filosóficos de Butler (*ibidem*) permitem a compreensão de *performance* e a emergência de um paradigma de gênero entendido a partir do *fazer* gênero, ainda que a filósofa enfatize as restrições e imposições estruturais violentas que não permitem que esse *fazer* seja completamente livre ao sujeito generificado (Butler, 2024).

Assim, esta pesquisa pretende contribuir para a discussão acerca da relação entre gênero e linguagem e enfoca um indivíduo que faz parte de um grupo fundamental para este entendimento: as *drag queens*. Isso porque é “ao imitar o gênero que a *drag* revela implicitamente a *estrutura imitativa do próprio gênero* – assim como sua contingência” (Butler, 2003 [1990], p. 237, grifo da autora). Assim, entendemos que, nos processos

de elaboração dessa personagem feminina, os indivíduos transformistas<sup>6</sup> também apresentam variação em seu modo de falar – com diferentes níveis de atenção e intenção –, como mais uma ferramenta para a construção da ilusão, mobilizando variáveis que indiquem características da personagem (seja gênero, idade, posição social, papel na interlocução etc.).

Essa pesquisa está centrada no estudo da variação estilística, que é definida por Eckert e Rickford (2001) como a variação na fala de um indivíduo. Uma vez que a variação linguística não é vista mais exclusivamente relacionada a variáveis sociais estáticas e também não exclusivamente como pertencimento fixo a um grupo, o caráter dinâmico da identidade individual e de grupo é ressaltado e a variação estilística é vista, portanto, como recurso chave para (re)moldar identidades. Além disso, Schilling (2013) resalta que, para entender de modo mais completo a variação estilística, é preciso levar em consideração como o falante produz significado<sup>7</sup>. Eckert (2012) chama atenção para o fato de que o “estilo é em sua base ideológico”, de modo que a variação estilística é essencial para “a construção de sentido, com consequências potencialmente importantes para a teoria linguística do modo mais geral” (p. 98, tradução própria<sup>8</sup>).

A variação estilística contribui para a construção de *personas*. Nesse contexto, Podesva (2006, 2007, 2008, 2011) investiga como diferentes características de linguagem são usadas por um único falante. Em um de seus estudos, sobre um indivíduo chamado Heath, Podesva (2007) observa o uso do *falsetto* para a construção de *personas*, a partir da observação do falante em diferentes contextos conversacionais (um churrasco com amigos, para os quais ele é *gay* assumido; uma conversa telefônica entre ele e seu pai, em que a sexualidade do indivíduo não é abordada; e, por fim, uma consulta com um paciente no exercício de sua profissão de médico), com o objetivo de inferir os significados sociais do *falsetto* na construção de *personas* da identidade *gay*. Podesva (2007) observa que Heath usa o *falsetto* mais frequentemente no churrasco com amigos (9% dos enunciados), menos na conversa com o pai (3,8%), e menos ainda na consulta (3,7%). Apesar da frequência de uso parecer pequena, Eckert (1987 *apud* Podesva, 2007) resalta a importância de variáveis de alta saliência, como é o caso desta, na variação estilística. Assim, mesmo com frequências menores que 10%, é saliente para os ouvintes. Desse modo, a análise etnográfica do autor examina como traços linguísticos são importantes ferramentas na projeção social de sexualidade e podem contribuir para a formação de *personas* distintas nessas interações sociais.

---

6 Para seguir o termo de Butler (2003 [1990]).

7 Com certa agência – o que não necessariamente pressupõe voluntariedade –, mas dentro de uma estrutura de possibilidades.

8 No original: “style is at its foundation ideological” e “the construction of meaning, with potentially important consequences for linguistic theory more generally”.

Assim, nota-se que a Sociolinguística tem caminhado no sentido de aprofundar a discussão acerca da relação entre gênero, sexualidade e linguagem. No entanto, um grupo fundamental para o entendimento de gênero ainda tem sido deixado de lado: as *drag queens*. Por “brincarem” com as tecnologias de gênero (Preciado, 2018) ao criarem a personagem *drag*, é justamente esse caráter caricatural da *drag* – que não necessariamente (re)produz imagens de mulheres reais<sup>9</sup> (Szymańska, 2020) – que pode contribuir para o entendimento de processos estilísticos para construção de *personas* e projeções de gênero.

## O fenômeno *drag*

Embora a arte de se travestir tenha registros desde a Antiguidade, como no teatro grego, no teatro Topeng na Indonésia do século XIII e no Kyogen e Kabuki no Japão dos séculos XIV e XVII, foi o século XIX, tanto nos Estados Unidos, quanto na Inglaterra (Baker, 1995; Joseph, 2020), o ponto de origem da arte *drag* mais semelhante a como a conhecemos hoje. E é na década de 1960 que as *drag queens* começaram a ter certo espaço na cultura *pop* norte-americana e nos guetos *gays* de Londres, e, desse modo, emergiram e se firmaram como figuras importantes na comunidade LGBTQ<sup>10</sup>. Nesse período, a luta por igualdade de direitos também se intensificou, e foi então que a arte *drag* se consolidou na cultura ocidental, ainda vista como uma forma de arte marginal, subversiva e desafiadora das normas estabelecidas. (Baker, 1995). Desse modo, nas décadas de 1970 e 1980, com a epidemia do vírus da AIDS atingindo uma parte da comunidade *gay*, as *drag queens* despontam como um dos maiores símbolos da luta pelos direitos de igualdade e como “guardiãs” da cultura, do conhecimento e da história *queer*. Já na década seguinte, 1990, as *drags* ganham espaço no circuito “principal” da cultura *pop*, com a função de entretenimento, com dublagens, *voguing*, bailes e apresentações de comédia.

No caso do Brasil, apesar de casos pontuais, como os de Laura de Vison e de pequenos grupos teatrais – como Dzi Croquettes – embalados na estética da Tropicália (Quinalha, 2021) ainda na década de 1970, é também nos anos 1990 que as *drag queens* ganham mais espaço. A combinação de atividades de “farrá” noturna e militância diurna para afirmação do orgulho é o que caracteriza essa fase da *drag* brasileira (Trevisan, 2018). Kaka di Polly, por exemplo, aparece na história da maior Parada *Gay* do mundo, a de São Paulo, como a principal responsável por fazer a primeira edição do evento acontecer (Felitti, 2021). Nesse sentido, a agitação e a desestabilização produzidas pelas *drag queens* na noite levaram também à atuação política subversiva, uma vez que atuaram e ainda atuam de modo contundente sobre as pautas de igualdade.

---

<sup>9</sup> Vale ressaltar que a arte *drag* pode ser praticada por mulheres, cis ou trans, e pessoas de qualquer sexo ou gênero, mas os propósitos deste trabalho tratam de uma *drag* interpretada por alguém que se identifica como do sexo masculino.

<sup>10</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Queer.

Além disso, os exemplos da presença das *drags* no entretenimento são muitos. O *reality show RuPaul's Drag Race*, de 2009, por exemplo, é fator determinante para o alcance global do fenômeno *drag*. A franquia *Drag Race*, atualmente, conta com mais de 16 temporadas, 20 *spin-offs* (só nos Estados Unidos) além de temporadas em muitos outros países: da Itália às Filipinas, da Espanha à Holanda, passando pela versão brasileira. A *drag* mais seguida no mundo atualmente é a brasileira Pablllo Vittar, com quase 13 milhões de seguidores, e, em junho de 2024, o *The New York Times* publicou um artigo que coloca a brasileira como herdeira da coroa de “próxima *drag queen* mundial” (NICAS, 2024). Em 2023, a plataforma de *streaming Prime Video* lançou a primeira temporada de Caravana das Drags, uma competição de talentos para *queens* brasileiras, apresentada por Ikaro Kadoshi e Xuxa Meneghel. Em 2018, a rede de televisão *E!* incluiu em sua programação semanal o programa *Drag me as a queen*, apresentado por Rita Von Hunty, Penelopy Jean e Ikaro Kadoshi. E desde 2015, combinando entretenimento e educação para a mobilização social, a *drag queen* Rita Von Hunty atua em seu canal do YouTube, o *Tempero Drag*. O canal conta, em 2024, com mais de 1,2 milhões de inscritos, e Rita aparece como uma das grandes referências nos debates progressistas, atuando também como colunista da CartaCapital e contribuindo frequentemente para outras grandes publicações de circulação nacional.

Nesse sentido, entendemos que a *drag* de Rita Von Hunty remonta e retoma uma característica inerente à *drag queen* em geral: o engajamento político e social e a educação para equidade e liberdade. Rita é, numericamente, a maior influenciadora do seguimento progressista nas plataformas digitais no Brasil, e a performatividade da *drag*, segundo Cunha Filho (2023), coloca Rita como uma das líderes da comunicação e educação de esquerda no meio digital, “criando cenas de dissenso no discurso hegemônico” (p. 13). Desse modo, considerando a elaboração performática (estética, discursiva e linguística) de Rita Von Hunty, é objetivo geral da pesquisa verificar quais traços linguísticos funcionam na dinâmica da construção estilística e analisar como são construídos os significados sociais associados a eles e a projeção potencial de *personas*. Para os propósitos deste artigo, concentramo-nos no caso dos diminutivos na fala de Rita Von Hunty para analisar aspectos associados à relação linguagem e projeção de gênero.

## Diminutivos e gênero

No português brasileiro, o diminutivo é formado, em sua forma sintética, de modo mais produtivo pelas formas *-inh* / *-zinh*, e é possível observar pelo menos duas dimensões pragmáticas destas formas: uma que parte de “propriedades reais e objetivas da entidade em contexto” (Cruz, 2024, p. 2, tradução própria<sup>11</sup>), como no exemplo 1, e outra que parte

---

<sup>11</sup> No original: “real and objective properties of the entity in context”

de “percepções subjetivas das falantes sobre a entidade referida” (*idem, ibidem*, tradução própria<sup>12</sup>), como no exemplo 2.

1. “Estamos aqui de novo no ‘Rita em 5 minutos’, que é um **vidinho** curto que a gente fala sobre um tema em cinco minutos, mas eu nunca consigo, né?”<sup>13</sup>

2. “...mas e, dona Rita, e se eu estou aqui com meu **companheirinho**, ou **companheirinha**, **companheirinhos?**”

Mendes (2012), em seu trabalho sobre diminutivo e a relação com gênero, propõe uma divisão semelhante aos diminutivos, classificando-os como “de tamanho”, “metafóricos”, e ainda acrescenta outro aspecto dos diminutivos em português, que são os lexicalizados. O autor argumenta que palavras como “prezinho” ou “barzinho”, embora pudessem ser substituídas por “pré(-escola)” e “bar”, respectivamente, estão tão incorporadas à fala cotidiana – é possível que “prezinho”, inclusive, seja usado com mais frequência que “pré”; e “barzinho”, como parte da cultura paulistana, é quase uma categoria diferente de “bar” – que podem ser consideradas palavras lexicalizadas (Mendes, 2012, p. 120). No *corpus* que serve como base para esta nossa análise, há exemplos disso, como no caso 3, em que “tanquinho” não se refere a um tanque de tamanho reduzido, ou indica percepções subjetivas dos falantes, mas a uma barriga bem definida e musculosa, com os músculos abdominais visíveis.

3. “...se por um acaso veio na sua cabeça o comercial de dentífrico, porque eu sou retrô, no qual todo mundo tem **tanquinho** e pula na água e se diverte num dia de sol...”

Mendes (2007, 2011), ao entrevistar pouco mais de uma centena de paulistanos e paulistanas de diversas idades, orientações sexuais e níveis de escolaridade, perguntou “que tipo de ‘coisa’ chama a sua atenção, quando você ouve um homem falando, no sentido de fazer você pensar que ele possa ser ‘gay’?” (Mendes, 2011, p. 7). Preparado para uma certa dificuldade de os entrevistados apontarem traços linguísticos característicos da fala *gay*, foram, em seguida, apresentadas cinco gravações de um mesmo texto por cinco homens diferentes (todos se identificam como *gays*, mas essa informação não estava disponível para os entrevistados). Então, os participantes da entrevista deveriam dar uma nota para quão *gay* aqueles homens soavam: de 1, para “menos *gay*”, a 5, para o “mais *gay*”. O autor enumerou, assim, alguns dos traços apontados pelos entrevistados ao justificarem suas notas: (i) as vogais tônicas parecem mais longas; (ii) a entonação “sobe e desce” muito; (iii) as palavras são mais cuidadosamente pronunciadas; (iv) “homens *gays* e mulheres parecem usar diminutivos de maneira exagerada” (Mendes, 2012, p. 114).

---

12 No original: “speaker’s subjective perceptions of the referred entity”

13 Os exemplos foram retirados de vídeos da *drag queen* Rita Von Hunty, publicados em seu canal do YouTube, Tempero Drag. Para mais detalhes, veja a seção “Metodologia”.

Como nos trechos ouvidos pelos entrevistados não havia diminutivos, então a justificativa que as pessoas utilizaram para suas afirmações vem de percepções e avaliações de natureza sociolinguística “que os entrevistados trouxeram das suas vidas” (p. 115). Assim, Mendes (2012) busca investigar se essas afirmações e percepções justificam-se de algum modo nos usos. Para isso, o autor comparou duas amostras: Amostra 1, composta por 84 entrevistas sociolinguísticas com 42 homens e 42 mulheres, estratificados por faixa etária e escolaridade; e Amostra 2, com 20 entrevistas com 5 mulheres heterossexuais, 5 mulheres lésbicas, 5 homens heterossexuais e 5 homens *gays*.

Os resultados gerais de Mendes (2012) para a frequência de diminutivos (por mil palavras) para as Amostras 1 e 2 por subgrupos de Sexo/Gênero indicam frequência de 0,28 para homens heterossexuais; 0,79 na fala dos *gays* “mais masculinos” analisados; 0,9 para as mulheres lésbicas “mais masculinas”; 1,8 para as lésbicas “mais femininas”; 2,97 na fala das mulheres heterossexuais observadas; e, por fim, 3,59 na fala de *gays* “mais femininos” (p. 122). Assim, parece haver um “*continuum*” de feminilidade, com homens heterossexuais em uma extremidade do espectro, e mulheres heterossexuais e homens *gays* “mais femininos” em outra.

Desse modo, o autor reconhece forte correlação entre sexo/gênero – e projeções psicossociais – ao uso de diminutivos, e avalia que a percepção (iv) mencionada por parte do grupo de paulistanos entrevistados de que “homens *gays* e mulheres parecem usar diminutivos de maneira exagerada” tem correlato com a produção linguística. Nesse sentido, Mendes (2012) aponta o uso de diminutivos funcionando como um marcador de feminilidade, em que homens heterossexuais e mulheres lésbicas “menos femininas” se afastariam de formas “mais femininas”, num esforço de marcar masculinidade (p. 123).

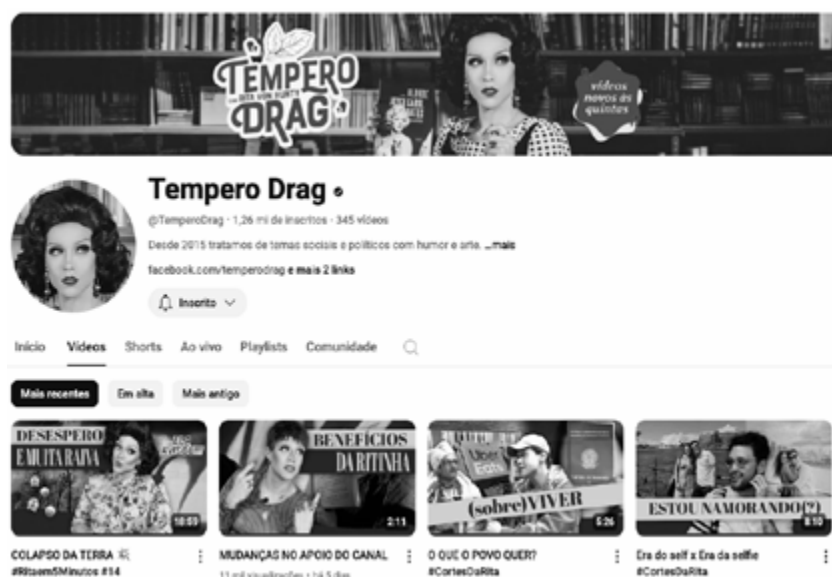
Portanto, partindo dos resultados de Mendes (2012), e considerando o caráter imitativo (Butler, 2003 [1990]) – que revela a estrutura e a contingência do gênero – e caricatural da *drag* (Szymańska, 2020, p. 17) –, perguntamo-nos sobre a frequência de diminutivos na fala de uma *drag queen*: Rita Von Hunty, personagem que se define como uma mulher heterossexual. Para isso, construímos um *corpus* a partir dos vídeos postados em seu canal do YouTube, Tempero Drag, e, na seção a seguir, detalhamos a metodologia empregada no trabalho.

## Metodologia

O meio digital e as redes sociais trazem possibilidades sem precedentes para os estudos sociolinguísticos (D’Arcy; Young, 2012), como um grande acervo de registros de áudio/vídeo, com alto grau de espontaneidade, na medida em que, “mesmo que dados de mídia possam ser previamente planejados e editados, eles não foram produzidos para análise linguística, mas para outros fins” (Oushiro, 2020, p. 4).

Com isso em mente, a metodologia adotada nesta pesquisa baseia-se em princípios da etnografia digital (Georgakopoulou, 2006; D'Arcy; Young, 2012), especificamente no monitoramento midiático<sup>14</sup> do canal *Tempero Drag*, em que a *drag queen* Rita Von Hunty trata de temas “sociais e políticos com humor e arte” (*Tempero Drag*, 2015). Conforme definido por Georgakopoulou (2006), a etnografia digital envolve a observação sistemática pelo pesquisador de uma comunidade digital, neste caso, o canal *Tempero Drag*, onde os participantes interagem através das plataformas disponíveis, desempenhando diversos papéis na dinâmica interativa. Esta abordagem é essencial para compreender tanto as dinâmicas de interação quanto os processos experimentados pelos indivíduos envolvidos. Para esta pesquisa, temos como foco a produção de fala da *drag queen* Rita Von Hunty nos seus vídeos.

**Figura 2.** Captura de tela do canal do YouTube *Tempero Drag* (*Tempero Drag*, 2015)



**Fonte:** *Tempero Drag*. Disponível em: <https://www.youtube.com/@TemperoDrag/videos>

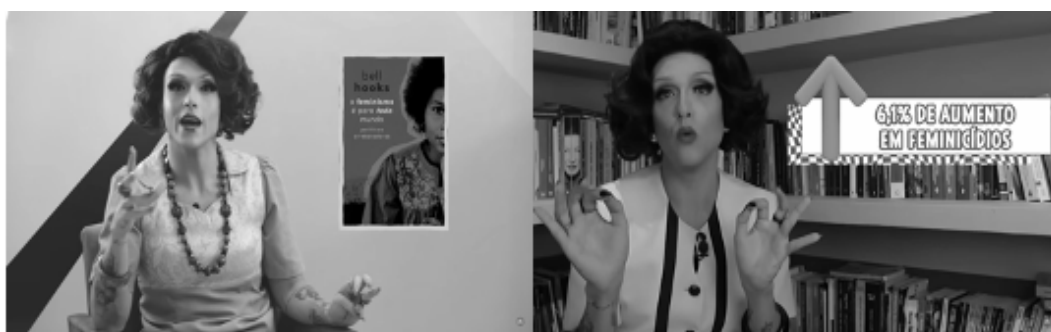
No início do canal, em 2015, Rita Von Hunty recebia convidados especiais para uma conversa acompanhada por uma receita vegana. A partir de 2017, foi lançado o quadro “Rita em 5 minutos”, no qual a *drag*, geralmente sozinha, aparecia sentada em um sofá, diante de uma câmera, discutindo temas variados, como redes sociais, equilíbrio emocional e padrões de beleza. A popularidade do canal cresceu com vídeos como “Consciência de classe”, que acumulou mais de 1,2 milhão de visualizações (até 2024), destacando-se pela abordagem pedagógica dos temas discutidos. Ao longo dos anos, os vídeos

<sup>14</sup> A metodologia de pesquisa e as considerações éticas para a condução deste trabalho foram aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual de Campinas (CEP-CHS/Unicamp), sob o número CAAE: 81266824.8.0000.8142

tornaram-se mais complexos e longos, com alguns dos mais recentes ultrapassando 30 minutos de duração.

Além desses dois tipos de vídeos, o canal também conta com entrevistas, esquetes, trechos de aulas presenciais ou *online* (incluindo *lives*) ministradas por Rita Von Hunty, e palestras em eventos para os quais a *drag* foi convidada. Há ainda vídeos em que Guilherme Terreri (ator, pesquisador e *performer* da personagem Rita) aparece “desmontado”, ou seja, sem os elementos que compõem a personagem *drag*, tanto em palestras e aulas quanto em esquetes, entrevistas e vídeos criados especialmente para o canal Tempero Drag.

**Figura 3.** Capturas de tela dos vídeos EU NÃO SOU UMA MULHER (04:50) e VIOLÊNCIA DE GÊNERO (13:38), do canal do YouTube Tempero Drag (Tempero Drag, 2015)



**Fonte:** Tempero Drag. Disponível em: <https://www.youtube.com/@TemperoDrag/videos>

A coleta de dados para esta etnografia iniciou-se com a tabulação de todos os vídeos em que Rita Von Hunty e Guilherme Terreri estão presentes, com um total de 355 vídeos até 2024. Os vídeos foram inicialmente categorizados como “pedagógico”, em que Rita aparece sozinha falando sobre um tema político e/ou social para a câmera; “receita”, em que a *drag* ensina uma receita vegana acompanhada de um(a) convidado(a); “esquete”, em que a *drag* atua numa cena; “entrevista”, em que Rita entrevista um(a) convidado(a); e “mulheres f\*da”, em que Rita e Mari G, sua produtora, falam, juntas, sobre uma mulher importante na história. Do conjunto de 355 vídeos, foram escolhidos 100 vídeos de modo aleatório – utilizando o *software* R (R Core Team, 2024) –, levando em consideração a manutenção da proporção de vídeos de cada categoria e o ano em que foram publicados. A categoria “pedagógico”, por exemplo, compreende 75% dos vídeos tabulados, assim, dentre os 100 vídeos coletados, 75 estão nesse formato, e o número de horas de gravação está razoavelmente bem distribuído entre os anos 2018-2024. Assim, a tabulação dos vídeos serviu de base para entender a distribuição de tipos de vídeos e temas mais comuns no canal, e para que o *corpus* desta pesquisa refletisse a composição do canal.

**Figura 4.** Captura de tela da tabulação para análise do canal Tempero Drag (Tempero Drag, 2015)

id	Título	Duração	Data	Typo1	Typo2	Transcrito	Check	Link
1	Reacção à tua foto de novo com boca	00:01:20	May-15	reaction-interview	video	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=3Lj0Cm0u028">https://www.youtube.com/watch?v=3Lj0Cm0u028</a>
12	Sua Avó de Vado	00:01:05	Jul-15	reaction-interview	video	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=4d6k6Qaf3I0">https://www.youtube.com/watch?v=4d6k6Qaf3I0</a>
13	Na geladeira	00:02:00	Jul-15	play	play	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=9FVagor2000">https://www.youtube.com/watch?v=9FVagor2000</a>
22	Tempero Drag Rise	00:04:10	Oct-15	play	play	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=2GJw8n7T800">https://www.youtube.com/watch?v=2GJw8n7T800</a>
29	Contrato Internacional	00:07:20	Mar-16	play	play	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=014w781u1U0">https://www.youtube.com/watch?v=014w781u1U0</a>
35	Torta de Círculos Regina Valério	00:21:00	Aug-16	reaction-interview	video	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=278871418U0">https://www.youtube.com/watch?v=278871418U0</a>
43	#20Fest - 50 tons de Rita	00:03:20	Oct-16	quest	play	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=86866G30964">https://www.youtube.com/watch?v=86866G30964</a>
48	Paizem de volta com Penélope Joan	00:01:40	May-17	reaction-interview	video	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=2G867721400">https://www.youtube.com/watch?v=2G867721400</a>
54	Rita em Lovers Apólitico	00:01:00	Sep-17	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=08267006668">https://www.youtube.com/watch?v=08267006668</a>
65	Rita em 5 minutos: Redes Sociais	00:05:22	May-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=049W8066668">https://www.youtube.com/watch?v=049W8066668</a>
67	Rita em 5 minutos: Responsabilidade Emocional	00:05:30	May-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=027U5066668">https://www.youtube.com/watch?v=027U5066668</a>
68	Rita em 5 minutos: Amor a Longo Prazo	00:05:00	Jun-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
70	Rita em 5 minutos: Linguagem e Escrita	00:05:00	Jun-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
71	Rita em 5 minutos: Duas Pázes e Idade	00:05:00	Jun-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
72	Rita em 5 minutos: Referência e Autoria	00:05:00	Jul-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
74	Rita em 5 minutos: Nódos de Usar a Língua	00:05:00	Jul-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
76	Rita em 5 minutos: Inconsciente Simbol	00:05:00	Jul-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
79	Rita em 5 minutos: Racião para Assaio	00:05:00	Aug-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
80	Rita em 5 minutos: Rita Dei	00:04:30	Aug-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
83	Rita em 5 minutos: Romagem	00:04:30	Sep-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
87	Rita em 5 minutos: Ao Fim de Maravos	00:07:17	Oct-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
89	Rita em 5 minutos: Consciência de Classe	00:05:40	Nov-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
90	Rita em 5 minutos: Rememoração do Professor	00:05:00	Nov-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
94	Rita em 5 minutos: Género e Narrativa	00:05:30	Dec-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
96	5 MULHER NA CULTURA	00:05:00	Feb-19	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>
100	O NOVO DIA NOVO (ou não, para de ser leuca)	00:07:10	Feb-19	pedagogical	pedagogical	yes	yes	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=04666666668">https://www.youtube.com/watch?v=04666666668</a>

Fonte: Elaboração própria

Todos os 100 vídeos selecionados foram transcritos utilizando o *software* ELAN (Wittenburg *et al.*, 2006). Além do caso dos diminutivos, estão sendo identificadas e exploradas outras possíveis variáveis relevantes, refinando-se a descrição do canal e categorizando os vídeos com base em seus objetivos, tipos de interação e temáticas abordadas. Outra etapa da análise do trabalho consiste na codificação das variantes das variáveis linguísticas e a análise estatística dos dados, com base em modelos de regressão logística de efeitos mistos (Levshina, 2015), que permite observação de possíveis correlações existentes entre as realizações de uma ou outra variante e as demais variáveis independentes, como o tipo de vídeo, as temáticas, o período em que foi postado, e os tipos de interação, por exemplo.

Além disso, também estão sendo feitas análises e discussões de cunho qualitativo (etnografia digital, Georgakopoulou, 2006; D'Arcy; Young, 2012), a fim de oferecer uma compreensão mais detalhada das práticas comunicativas e das interações dentro do contexto digital do canal Tempero Drag, contribuindo assim para o campo emergente da pesquisa em etnografia digital aplicada a comunidades *online* específicas.

## Resultados

Nesta seção, são apresentados resultados de uma análise preliminar da taxa de uso de diminutivos a cada mil palavras pela *drag queen* Rita Von Hunty em seus vídeos do YouTube, no canal Tempero Drag. Essa análise compreende a observação de 40 vídeos no formato “pedagógico”, publicados entre 2017 e 2024, e que variam de 1 a 34 minutos de duração, o que totaliza pouco mais de 6 horas de gravação e um total de 52.112 palavras transcritas.

Nesse *corpus*, foram encontrados 271 casos de diminutivos *-(z)inha/e/o(s)*, que foram codificados como a) lexicais, b) de tamanho e c) metafóricos, seguindo a classificação feita por Mendes (2012). No caso dos lexicais, além do vocábulo “sozinha/o” (exemplo 4), sobre o qual o autor ressalta como parece raro e inesperado o emprego de “só”, há outras palavras com o diminutivo lexicalizado, como em 5.

4. “...no último CD, tem uma faixa dizendo que acaba por ser cantora e uma *pop star* deixando a filha **sozinha**, e se vê como uma péssima mãe...”

5. “...e gente, é isso. Essa noite eu durmo de casulo, é tipo a **conchinha**...”

Em 4, o item lexical “sozinha” aparece para se referir à filha da *pop star* em questão, que ficaria só, uma vez que a mãe estaria em turnê. E, em 5, a palavra “conchinha” não diz respeito a uma concha de tamanho pequeno, e sim a uma posição específica de dormir. Uma vez que a palavra destacada em 5 adquire um novo significado, e esta é compreendida e usada de modo compartilhado e estável por grande parte dos falantes, codificamos como um exemplo de diminutivo classificado como “lexical”.

Além disso, foram classificados como diminutivos de tamanho os casos em que, pelo contexto maior, tínhamos pistas da indicação de tamanho reduzido, como nos exemplos 6 e 7.

6. “O **livrinho** dele chamado As Cinco Linguagens do Amor. **Livrinho** porque é **pequeninho**, tá? Não estou fazendo aqui juízo de valor.”

7. “Estamos aqui num vídeo curto ‘Rita em 5 minutos’, que é um **vidinho** que a gente debate um tema em cinco minutos.”

Em 6, Rita ressalta que o diminutivo, nesse caso, não tem caráter pejorativo, mas o livro sobre o qual ela está falando trata-se de um exemplar de poucas páginas, por isso, pequeno, assim, o uso de “livrinho” remete a propriedades objetivas do livro. E em 7, há uma diferença entre o “vidinho”, curto, apenas 5 minutos, em comparação aos outros vídeos dessa categoria no canal, que têm em média 16 minutos, podendo chegar a 38 minutos.

Por fim, foram classificados como “metafóricos”, os usos de diminutivo que indicam: a) grande quantidade, como em 8; b) carinho, como nos exemplos 9 e 10; e c) desvalorização ou desprezo, como em 11.

8. “E aí eu volto na Simone de Beauvoir, no *Segundo Sexo*. Eu estudei, né, essa obra um tanto **bastantinho**.”

9. “Oi, **pervertidinho!**” / “Oi, **molecadinha** progressista!” / “Oi, **temperadinhe!**”

10. “...lá no Manifesto Comunista, o seu **Karlinho** e o seu **Englinho** começam falando que um espectro ronda a Europa.”

11. “... e... esse **senhorzinho**, vamos chamá-lo assim não tem nenhuma relação com a política brasileira”

Em 8, como especialista em estudos culturais e grande estudiosa da obra de Beauvoir, o uso de “bastantinho” remete ao oposto do tamanho diminuto atribuído ao sufixo -(z)inha/e/o num primeiro momento: indica que o Segundo Sexo foi estudado exaustivamente pela *drag*. Já 9 e 10 são exemplos que indicam o caráter afetivo ou carinhoso a partir do diminutivo. O nono exemplo se trata de um compilado de vocativos utilizados por Rita Von Hunty para se referir aos seus interlocutores, e o exemplo 10 estende esse carinho para os teóricos caros à Rita: Karl Marx e Friedrich Engels. Por fim, em 11, há um uso do diminutivo com tom depreciativo, o que é compreendido pela análise global do vídeo, em que esse “senhorzinho” é um senhor feudal, que, na argumentação de Rita, é classificado como assassino, no vídeo “Biscoito para assassino”.

Assim, desconsideradas as ocorrências de “sozinho(s, as, es)” e “pouquinho(s)”, por serem casos menos marcados – conforme ressaltado por Mendes (2012) –, temos 244 diminutivos distribuídos nas categorias Metafóricos, Tamanho, Lexicais, conforme a Tabela 1 a seguir.

**Tabela 1.** Distribuição dos diminutivos -(z)inha/e/o) na fala da *drag queen* Rita Von Hunty em 40 vídeos publicados no canal *Tempero Drag* entre 2017 e 2024

Diminutivos		
Metafóricos	204	244
Tamanho	26	
Lexicais	14	

**Fonte:** Elaboração própria

Os 244 casos de diminutivos considerados para essa análise ocorreram num *corpus* de 52.112 palavras, o que resulta em uma frequência de 4,68 diminutivos a cada mil palavras. Como na Tabela 2.

**Tabela 2.** Frequência de diminutivos (por mil palavras) na fala da *drag queen* Rita Von Hunty em 40 vídeos publicados no canal Tempero Drag

Diminutivos			Palavras no <i>corpus</i>	Frequência de diminutivos (por mil palavras)
Metafóricos	204	244	52.112	4,68
Tamanho	26			
Lexicais	14			

**Fonte:** Elaboração própria

Retomando os resultados de Mendes (2012), os dois subgrupos de Sexo/Gênero com taxas de diminutivos por mil palavras mais altas são mulheres heterossexuais (2,97) e homens *gays* “mais afeminados (3,59). Ao comparar a frequência de Rita Von Hunty (4,68) com as mulheres heterossexuais paulistanas, vemos que a *drag* tem uma frequência de diminutivos por mil palavras de 1,57 a mais que o grupo de mulheres heterossexuais estudado por Mendes (2012). Uma vez que uma das identidades sociais projetadas por Rita é justamente a de uma mulher heterossexual, esses resultados, ainda que parciais, podem indicar caminhos para a compreensão do caráter caricatural da fala performática da *drag queen*, e como esta lança luz a questões de *performance* de gênero e linguagem.

## Considerações finais

A arte *drag* é um fenômeno crescente que tem ganhado destaque no Brasil e no mundo. Atualmente, uma das maiores líderes da comunicação digital progressista é a *drag queen* Rita Von Hunty, que, por meio principalmente de seu canal do YouTube Tempero Drag (2015), combina entretenimento e educação para a mobilização social. A construção performática da personagem passa por, além da caracterização física, um complexo trabalho com a linguagem. Assim, o escopo deste trabalho consistiu na análise – a partir das perspectivas da Terceira Onda da Sociolinguística (Eckert, 2008, 2012, 2016, 2018) – da variação estilística e dos processos de construção e projeção de *personas* da *drag queen* Rita Von Hunty. Para isso, a partir de metodologias de etnografia digital (Georgakopoulou, 2006; D’Arcy; Young, 2012), estudamos a variação estilística da *drag* em seus vídeos do YouTube.

A análise conduzida nos limites deste trabalho – a partir de um *corpus* de 40 vídeos do canal – revela resultados preliminares sobre a frequência mais alta de diminutivos (4,68) na fala da *drag queen* Rita Von Hunty em comparação com as mulheres heterossexuais paulistanas (2,97) entrevistadas no trabalho de Mendes (2012). Este fato chama a nossa atenção, uma vez que Rita, como *drag queen*, parece realizar uma *performance* caricatural de gênero, que, retomando Butler (2003 [1990]), expõe a *estrutura imitativa* e a *contingência* do próprio gênero. Assim, o uso de diminutivos, nesse contexto, não é necessariamente

uma imitação das “mulheres reais”, mas sim parte da natureza da *drag*: o exagero de marcadores de gênero, que podem ser tanto estéticos quanto linguísticos.

Embora seja cedo para fazer generalizações a partir dos resultados de caráter exploratório e preliminar deste estudo, essas observações iniciais parecem sugerir a existência de padrões específicos na fala performática da *drag queen*. O traço caricatural da *drag* ainda lança luz sobre questões fundamentais que envolvem a interseção entre *performance* de gênero e linguagem, contribuindo para uma reflexão mais detalhada sobre como essas *performances* linguísticas constroem *personas* e projetam gênero.

Os resultados também indicam a necessidade de ampliar a investigação para outros vídeos de Rita Von Hunty e de incluir uma análise mais abrangente de outras variáveis linguísticas, uma vez que, a partir de achados de trabalhos da terceira onda, diferentes traços linguísticos podem ser (re)combinados – a partir da reinterpretação dos significados sociais das variáveis linguísticas, já que estes são mutáveis – na e pela prática estilística, num processo de “bricolagem” (Eckert, 2012, p. 94). Desse modo, a análise combinada de outras variáveis linguísticas permitiria uma compreensão mais detalhada dos mecanismos de construção de estilo na fala performática de *drag queens*, além de contribuir para a discussão sobre a relação entre linguagem, *performance* e gênero. Por fim, se o *fazer* gênero, como propõe Butler (2003 [1990]), é uma espécie de “imitação persistente que passa por real” (p. 9), retomamos Lakesha Lucky<sup>15</sup>: “nós nascemos nus, e o resto é *drag*”.

## Referências

BAKER, R. *Drag: A history of female impersonation in the performing arts*. Nova York: NYU Press, 1995.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003 [1990].

BUTLER, J. *Desfazendo gênero*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2022 [2004].

BUTLER, J. *Quem tem medo do gênero?* 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

CRUZ, A. Expressing diminutive meaning in heritage Spanish: linking the heritage experience to diminutive use in everyday speech. *Frontiers in Language Sciences*, v. 3, 2024.

---

<sup>15</sup> Lakesha Lucky é uma *drag queen* norte-americana que foi muito famosa nos 80-90 e tem a ela atribuídos os créditos por essa frase. Porém, mas não há nenhuma publicação em que ela esteja documentada, a não ser em histórias *queer* contadas e recontadas por outras *drag queens*.

CUNHA FILHO, A. H. da. *Em algum local dessa tela: a performance da Rita Von Hunty e seu corpo infiltrado*. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia e Práticas Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2023.

D'ALAMA, L. Quem tem medo de Rita Von Hunty? *Revista E*, São Paulo, jun. 2024.

D'ARCY, A.; YOUNG, T. M. Ethics and social media: Implications for sociolinguistics in the networked public. *Journal of Sociolinguistics*, v. 16, n. 4, p. 532-546, 2012.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

ECKERT, P. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual review of Anthropology*, v. 41, n. 1, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P. Variation, meaning and social change. In: COUPLAND, N. (ed.). *Sociolinguistics: Theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 68-85.

ECKERT, P. *Meaning and linguistic variation: The third wave in sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FELITTI, C. *Rainhas da noite: as travestis que tinham São Paulo a seus pés*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (org.). *Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 17-74.

GEORGAKOPOULOU, A. Postscript: Computer-mediated communication in sociolinguistics. *Journal of Sociolinguistics*, v. 10, p. 548-557, 2006.

JOSEPH, C. G. The first drag queen was a former slave. *The Nation*, v. 31, 2020.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972].

LEVSHINA, N. *How to do linguistics with R: Data exploration and statistical analysis*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.

MENDES, R. B. What is 'gay speech' in São Paulo, Brazil. In: SANTAEMILIA, J.; BOU, P.; MARUENDA, S.; ZARAGOZA, G. (org.). *International Perspectives on Gender and Language*. Valência: Universitat de València, 2007. p. 296-305.

MENDES, R. B. Gênero/sexo, variação linguística e intolerância. In: BARROS, D. L. P. (org.). *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Mackenzie, 2011. p. 99-116.

MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-124, 2012.

MENDES, R. B. Gendered perceptions of noun agreement in Brazilian Portuguese. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, Berlin, v. 12, n. 23, p. 93-108, 2014.

MENDES, R. B. Diphthongized (en) and the indexation of femininity and Paulistanity. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 58.3, p. 425-444, 2016.

NICAS, J. The World's Next Big Drag Queen Is Brazilian. *The New York Times*, Nova York, 30 jun. 2024. The Global Profile. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/06/30/world/americas/pablo-vittar-drag-queen-brazil>. Acesso em: 15 out. 2024.

OUSHIRO, L. Coleta de dados para pesquisas sociolinguísticas (em tempo de pandemia). In: XXXV ENANPOLL – Encontro Nacional da ANPOLL, v. 1, p. 1-8, Londrina, PR, Brasil, 2020.

PIE, I. *Percepção de vozes masculinas: efeitos da concordância nominal, da duração de /-s/, da frequência fundamental e de atitudes sobre masculinidade*. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

PODESVA, R. J. Intonational variation and social meaning: Categorical and phonetic aspects. *Penn Working Papers in Linguistics (Selected Papers from New Ways of Analyzing Variation 34)*, v. 12, n. 2, p. 189-202, 2006.

PODESVA, R. J. Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona. *Journal of Sociolinguistics*, v. 11, n. 4, p. 478-504, 2007.

PODESVA, R. J. Three sources of stylistic meaning. *Texas Linguistic Forum*, Austin, v. 47, p. 1-10, 2008.

PODESVA, R. J. Salience and the social meaning of declarative contours: Three case studies of gay professionals. *Journal of English Linguistics*, v. 39, n. 3, p. 233-264, 2011.

PRECIADO, P. B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

QUINALHA, R. *Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

R Core Team. *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna, Austria: 2024. Disponível em: <http://www.R-project.org/>. Acesso em: 15 out. 2024.

SCHILLING, N. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, J. K; SCHILLING, N (ed.). *The handbook of language variation and change*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2018. p. 325-349.

SENE, M. G. *A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de/s/e do pitch médio*. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022.

SZYMAŃKA, M. Performative discourse of drag queens: A sociolinguistic study. *Research in Language (RiL)*, Łódź, v. 18, n. 1, p. 15-35, 2020.

Tempero Drag. *Tempero Drag: desde 2015 tratamos de temas sociais e políticos com humor e arte*. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/@TemperoDrag>. Acesso em: 15 out. 2024.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WITTENBURG, P. et al. ELAN: a professional framework for multimodality research. In: *Proceedings of the Fifth International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC'06)*. Genoa: European Language Resources Association (ELRA), 2006.